

Contribuições da Teoria Marxista do Valor e do Materialismo Histórico Dialético para a Temática do Trabalho do Sexo

Paulo Rodrigues Cerqueira (UFRGS) - cerqueirameister@gmail.com

Resumo:

O trabalho do sexo é marcado por contradições, que não podem estar dissociadas das do capital/trabalho, principal marca do mundo capitalista no qual vivemos. Tendo em vista a importância de análise dos determinantes sócio-econômicos, o materialismo histórico dialético e a teoria marxista do valor trazem as contribuições mais avançadas, não somente para o estudo científico acerca do fenômeno (o que este apresenta como contraditório, nos diferentes usos, práticas e necessidades que é capaz de gerar), mas também para nos posicionarmos de forma atuante contra sua produção contemporânea de vítimas. Marx (2013) pouco menciona o trabalho do sexo n'O Capital, mas situa suas trabalhadoras entre o lumpemproletariado, como exército de reserva tendo em vista a superpopulação relativa estagnada. Porém, desconfio que este estatuto vem sofrendo algumas alterações e variações, e o próprio Marx (2013) nos auxilia a pensarmos a inserção desta atividade na produção, troca e consumo de mercadorias.

Palavras-chave: *Trabalho; Trabalho do sexo; Materialismo histórico dialético; teoria do valor (marxista).*

Área temática: *GT-09 Organização e Práxis Libertadora: Por uma Crítica à Economia Política da Organização*

Contribuições da Teoria Marxista do Valor e do Materialismo Histórico Dialético para a Temática do Trabalho do Sexo

O trabalho do sexo é marcado por contradições, que não podem estar dissociadas das do capital/trabalho, marcas do mundo capitalista no qual vivemos. Tendo em vista a importância de análise dos determinantes sócio-econômicos, o materialismo histórico dialético e a teoria marxista do valor trazem as contribuições mais avançadas, não somente para o estudo científico acerca deste fenômeno (o que este apresenta como contraditório, nos diferentes usos, práticas e necessidades que é capaz de gerar), mas também para nos posicionarmos de forma atuante contra sua produção contemporânea de vítimas.

Cruz (1841) descreve o termo prostituta como o participio passivo (*prostitutus*) do verbo *prostituo* - prostrar, entregar, pôr-se publicamente à venda, entregar-se publicamente. Apesar de propor a eliminação do coito impuro dessas profissionais (já que transmitiam o *Virus Venéreo* -sífilis- e “destruíam a moralidade de Portugal e alhures”), o autor nos apresenta grandes narrativas de vida de diversas “filhas da Vênus Popular”, que ganharam renome em séries históricas, nas quais a prostituição sempre foi um “negócio d’interesse” (“provavelmente desde a primeira civilização”) (CRUZ, 1841, pp. 22). Apesar de sua evidente função de estabilização social, sendo que muitos autores defendem a inexistência em sociedades nas quais operam outras normas de propriedade (que não a privada e a união monogâmica) (CECARELLI, 2008), é necessário estabelecermos algumas colocações acerca do tema.

Primeiro, creio que devemos nos afastar das grandes narrativas de prostitutas poderosas para estabelecermos os movimentos históricos que vem construindo o trabalho do sexo e sua relação com vítimas nas sociedades. Nesse sentido, a história é cruel com grande parte das mulheres vitimadas, fazendo com que uma das poucas possibilidades de sobrevivência tenha sido a “venda pública de si”, de seus corpos e da força de trabalho, já que a maior parte não possuía o domínio objetivo dos meios de produção (ou mesmo eram “propriedade” de alguém) (SENNET, 2006). Em seguida, outra indagação se faz necessária: poderíamos pensar que o trabalho do sexo passa intocado no desenvolvimento do modo de produção capitalista? Ou seja, o trabalho do sexo sempre foi assim e se apresenta como uma espécie de mônada das formas em que o trabalho passa a ser operado no capitalismo?

A resposta imediata é não: “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’” (MARX, 2013, p.157). Marx (2013) nos auxilia a pensarmos a inserção desta atividade na produção, troca e consumo de mercadorias, uma das principais características da sociedade capitalista. A mercadoria é “uma presença universal, um denominador comum, algo familiar e comum a todos nós, sem distinção de classe, raça, gênero, religião, nacionalidade, preferência sexual, o que for, [...] elas são essenciais a nossa existência” (HARVEY, 2013, p.26). Essenciais porque satisfazem uma carência, uma necessidade ou um desejo humano, algo externo a nós, “de que tomamos posse e transformamos em nosso”, “[...] as mercadorias são suportes (e não a coisa) de algo que ainda será definido” (HARVEY, 2013, p.27). Marx (2013) pouco menciona o trabalho do sexo n’*O Capital*, mas situa suas trabalhadoras entre o *lumpemproletariado*, como exército de reserva, tendo em vista a superpopulação relativa estagnada (MARX, 2013, p.874). Porém, desconfio que este estatuto vem sofrendo algumas alterações e variações. Por isso, creio que a teoria do valor e o materialismo histórico dialético podem trazer as contribuições mais avançadas para atacarmos este movimento.

Como nos recorda Harvey (2013), ao tomarmos como lente (e forma de intervenção no mundo) o materialismo histórico dialético, não podemos estabelecer conexões a priori, mas primeiramente realizar uma análise exaustiva acerca do tema a ser enfrentado, tendo em vista diferentes suportes, literaturas e militâncias. É também precioso o movimento realizado por Marx de recriar e reconfigurar o próprio método científico e, mais do que isso, interferir na realidade (HARVEY, 2013). Marx, então, desenvolveu um aparato conceitual que o ajudou criticar cientificamente o capitalismo, compreendendo seu funcionamento em sua complexidade e movimento, “no ato de tomar blocos conceituais radicalmente diferentes, friccioná-los uns contra os outros e fazer acender o fogo revolucionário” (HARVEY, 2013, p. 14). O materialismo histórico dialético implica em dois movimentos: (a) de descenso – da realidade imediata, buscando cada vez mais profundamente os conceitos fundamentais dessa realidade, “[...] submeter esse material a uma crítica rigorosa a fim de descobrir conceitos simples, porém poderosos, que iluminem o modo como a realidade funcional” (HARVEY, 2013, p. 17); e (b) de ascenso – “o caminho de retorno à superfície equipado com os conceitos fundamentais” e “descobrir quão enganador o mundo das aparências poder ser. Essa posição vantajosa nos permite interpretar esse mundo em termos radicalmente diferentes” (HARVEY, 2013, p.18).

Lefebvre (2013) destaca que o materialismo dialético e histórico: (a) considera um conjunto, um todo concreto que aparece sob vários aspectos; (b) daí a necessidade de uma análise abstrata desta realidade, de elementos ao mesmo tempo contraditórios e indissolúveis, atingindo conceitos abstratos cada vez mais simples, mas que são reais e articulados na realidade social; (c) para, então, refazermos o caminho em sentido contrário e recobrar o todo, o concreto em movimento. Para Lefebvre (2013), a análise abstrata se complementa a este segundo movimento na reprodução do real (de sua estrutura e seus movimentos) no pensamento (LEFEBVRE, 2013). Assim, trata-se de desenvolver estudos por meio da abstração do que a realidade concreta do trabalho do sexo apresenta como contraditório, nos diferentes usos, práticas e necessidades que é capaz de gerar, isso sem desprezarmos que os conceitos emergentes não podem ser analisados de forma isolada, já que se encontram relacionados em uma totalidade “fluida, aberta e em perpétua transformação” (HARVEY, 2013, p. 34).

Hobsbawm (1985) discute que o humanismo na ótica de Marx analisa o homem como um animal social, cujo trabalho está sempre em confronto com a natureza. E é nesse confronto que o homem constrói a si mesmo. Nessa dinâmica, as relações de propriedade são marcadas pelo relacionamento do trabalhador com as condições objetivas do trabalho, determinando um tipo de uso para alguma parte da natureza (“inclusive do próprio corpo”) (HOBSBAWM, 1985, p. 16). Esta produção, inicialmente, tem como finalidade apenas o uso, mas vai assumindo a forma de uma progressiva “separação entre o trabalho livre e as condições objetivas de sua realização”, entre os meios de trabalho e o objeto de trabalho, “entre o trabalhador e a terra como seu laboratório natural” (MARX, 1985, p. 65). É no capitalismo que esta separação se completa, quando o trabalhador é “reduzido à força de trabalho e a propriedade se reduz ao controle dos meios de produção, inteiramente divorciada do trabalho” (HOBSBAWM, 1985, p. 17).

No trabalho do sexo, não somente o corpo, mas também a atividade adentram a lógica da mercadoria, que incorpora não apenas o trabalho concreto, mas também trabalho abstrato. Flores e Misoczky (2015) nos recordam dos fundamentos da teoria marxista do valor: (a) de consideramos como o homem e a natureza são apropriados para a produção,

mesma e antagônica, de valores de uso e valor (na forma de valor de troca) e; (b) como, no capitalismo, o poder universal passa a ser a produção de valor, sendo que os usos sociais das coisas produzidas perdem sua relevância. Isso leva a outra abstração correlata, a também antagônica relação entre o processo de trabalho e o processo de valorização. Enquanto o primeiro produz valores-de-uso (por meio do trabalho), o último cria mais valor social para a classe capitalista (FLORES; MISOCZKY, 2015). Marx (2016), assim, capta o movimento das relações sociais de capital, em que se tornam independente de sua própria magnitude e se autoatribuem uma capacidade de expansão, ou seja, sem correspondência material e natural. O “fetiche-mercadoria” (“fetichismo em geral, que pega produtos derivados da atividade humana para realidades nelas mesmas”) acaba por permear a prática social no modo de produção capitalista (LEFEBVRE, 2014, p. 727).

Se pensarmos no trabalho do sexo, o corpo pode ser convertido em mercadoria e, imediatamente, em valor de uso. Se pensarmos como o corpo é produzido, interessa-nos tanto os processos metabólicos, quando as adequações sociais que levam a formatações muitas vezes complexas e custosas para que o corpo, em relações sociais entre mercadorias, seja transubstancializado em dinheiro e, disso, decorra outros circuitos de troca, com outras mercadorias. O corpo incorpora também valor de troca, como expressão do trabalho humano abstrato, mas pela mediação do dinheiro: “sem qualquer intervenção sua, as mercadorias encontram sua própria figura de valor já pronta no corpo de uma mercadoria existente fora e ao lado delas”, [...] “o enigma do fetiche do dinheiro não é mais do que o enigma do fetiche da mercadoria, que agora se torna visível e ofusca a visão” (MARX, 2016, p.228). Despojada do corpo natural, a mercadoria transforma-se (realmente) em dinheiro,

[...] o processo de troca das mercadorias inclui relações contraditórias e mutuamente excludentes. O desenvolvimento da mercadoria não elimina essas contradições, porém cria a forma em que elas podem se mover. Esse é, em geral, o método com que se solucionam contradições reais. É, por exemplo, uma contradição o fato de que um corpo seja atraído por outro e, ao mesmo tempo, afaste-se dele constantemente. A elipse é uma das formas de movimento em que essa contradição tanto se realiza como se resolve. Quando passa a servir de valor de uso, a mercadoria transita da esfera da troca de mercadorias para a esfera do consumo. Aqui, interessa-nos apenas a primeira dessas esferas. Temos, assim, de considerar o processo inteiro segundo o aspecto formal, isto é, apenas a mudança de forma ou a metamorfose das mercadorias, que medeia o metabolismo social (MARX, 2013, p.241).

Marx (2013) destaca que toda mudança de forma de uma mercadoria é consumada na troca entre duas mercadorias (uma mercadoria comum e a mercadoria-dinheiro), porém, são as outras mercadorias que se relacionam com o papel-dinheiro como sua própria figura monetária. Nesse sentido, a última metamorfose de uma mercadoria “é também a primeira metamorfose de outra mercadoria” (MARX, 2013, p.293). A metamorfose total de uma mercadoria envolve o seguinte processo: (1) o dinheiro se defronta com a mercadoria como sua figura de valor, que, no bolso alheio, possui sólida realidade material. Assim, alguém que possui dinheiro se defronta com alguém que possui mercadorias; (2) assim que a mercadoria é convertida em dinheiro, este se torna a forma de equivalente daquela, cujo valor de uso existe nos corpos das outras mercadorias. O dinheiro, então, é tanto a chegada da primeira

mutação, quando o ponto de partida da segunda mutação; (3) “o primeiro vendedor torna-se comprador no segundo, onde um terceiro possuidor de mercadorias confronta-se com ele como vendedor”. Isso dá corpo a um ciclo que é marcado por dois movimentos inversos da metamorfose da mercadoria: “forma-mercadoria, despojamento da forma-mercadoria, retorno à forma-mercadoria” (MARX, 2013, p.251). Nessa dinâmica, o dinheiro inicialmente é “o sólido valor cristalizado em que se transforma a mercadoria” para, em seguida, diluir-se como forma de equivalente dela (MARX, 2013, p.251).

Aliado a isso, a mercadoria também incorpora trabalho abstrato e a conversão do produto do trabalho em mercadoria se dá pela divisão do trabalho, “ao mesmo tempo, ela transforma o sucesso ou insucesso dessa transubstanciação em algo acidental” (MARX, 2013, p.246). A troca de mercadorias rompe as barreiras individuais e locais da troca direta de produtos e “desenvolve o metabolismo do trabalho humano”,

[...] desenvolve-se um círculo completo de conexões que, embora sociais, impõem-se como naturais, não podendo ser controladas por seus agentes. Por isso, diferentemente da troca direta de produtos, o processo de circulação não se extingue com a mudança de lugar ou de mãos dos valores de uso. O dinheiro não desaparece pelo fato de, no final, ficar de fora da série de metamorfoses de uma mercadoria. Ele sempre se precipita em algum lugar da circulação deixado desocupado pelas mercadorias. A substituição de uma mercadoria por outra sempre faz com que o dinheiro acabe nas mãos de um terceiro. A circulação transpira dinheiro por todos os poros (MARX, 2013, p. 252).

Marx (2013) destaca que este processo não é natural. Muito pelo contrário, é resultado de desenvolvimentos históricos de diversas revoluções econômicas e destruições de séries (de formas anteriores de produção social). Tendo isso em vista, como o trabalho do sexo foi afetado? Ou poderia fazer o caminho inverso? Não seria o trabalho do sexo, em todo seu desenvolvimento histórico, uma espécie de mônada de relações sociais de capital? De acordo com Marx (2013, p.326),

A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho a consome fazendo com que seu vendedor trabalhe. Desse modo, este último se torna *actu* [em ato] aquilo que antes ele era apenas *potentia* [em potência], a saber, força de trabalho em ação, trabalhador. Para incorporar seu trabalho em mercadorias, ele tem de incorporá-lo, antes de mais nada, em valores de uso, isto é, em coisas que sirvam à satisfação de necessidades de algum tipo.

Diante disso, o corpo possui objetividade de valor somente na medida em que é expressão do trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, por isso, só pode se manifestar numa relação social entre mercadorias (MARX, 2013). Entre um número ilimitado de produtos trocáveis, Lefebvre (2014) aponta que três deles possuem um papel privilegiado e supremo: o sexo, o trabalho e a informação. São produtos que “se aproximam do ouro, no sentido que são ubíquos e claramente situados” (LEFEBVRE, 2014, p. 729). Em relação ao sexo, Lefebvre (2014) discute que desde a antiguidade ele tem sido

vendido e comprado por meio de práticas de prostituição e casamento. Porém, é recente sua entrada direta nos circuitos de troca (ex. sex shops, feiras de artigos eróticos, catálogos de profissionais, cybersexo, etc). Além disso, “a fantasia sexual e o imaginário vem penetrando amplamente os discursos publicitários e a vida cotidiana - o produto que vende vários outros produtos” (LEFEBVRE, 2014, p. 727).

De acordo com Harvey (2013), em *O Capital*, Marx não está interessado na natureza das necessidades humanas e apresenta um estatuto *sui generis* às mercadorias. Porém, até quanto as relações sociais que dão corpo e circulação aos feitiços-mercadorias interferem na produção das necessidades, tendo em vista essa forma fantasmagórica de uma relação entre coisas e não entre os próprios homens? E caso opere genderizada, a mercadoria por si já não denunciaria uma eficiência ideológica?

Estas indagações iniciais vão de encontro com o que pretendo abordar em estudos futuros. Nesse sentido, concordo com Misoczky e Dornelas (2015) acerca da necessidade de trazeremos uma crítica necessariamente negativa e material, ou seja, trazer para o nível da materialidade sujeitos vitimados, oprimidos, explorados, “no conteúdo da *práxis*, que se refere à produção, reprodução e desenvolvimento da vida humana”, à sua corporalidade e ao seu existir em comunidade” (MISOCZKY; DORNELAS, 2015, p.287). Além disso, a posição teórica negativo-material não pode estar dissociada de uma prática-crítica-revolucionária voltada para a transformação, por meio da co-militância, e a libertação dos tipos de opressão (MISOCZKY; DORNELAS, 2015). A *práxis* libertadora parte, então, da interpelação de exterioridades na Totalidade contemporânea, não para reiterá-la, mas para romper com suas objetivações vitimizadoras e constituir outras possibilidades de existências revolucionárias.

Referências:

CECARELLI, P. R. Prostituição: Corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro Sexo**, v. 4 (edição especial), 2008.

CRUZ, F. I. S. **Da prostituição na cidade de Lisboa**. Lisboa: Typ. -Lisbonense, 1841.

HARVEY, David. **Para entender O Capital** – Livro I. Campinas: Boitempo, 2013. p. 11-60.

HOBBSAWM. Eric. Introdução. In.: MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Rio: Paz e Terra, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre, RS:LP&M POCKET, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *Critique of Daily Life*. London:Verso, 2014.

FLORES, Rafael K.; MISOCZKY, Maria Ceci. Dos Antagonismos na Apropriação Capitalista da Água à sua Conceção como Bem Comum. **Organizações & Sociedade** (Online), v. 22, p. 237-250, 2015.

MARINHO, M. F. Turismo Sexual: análise dos contextos acerca da teoria da representação social. In: **V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL** (SeminTUR). Anais. Universidade de Caxias do Sul: Caxias do Sul, 2008.

MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Rio: Paz e Terra, 1985.

MARX, Karl. **O capital**. Livro I. Campinas: Boitempo, 2013. p. 113-158.

MISOCZKY, Maria Ceci; DORNELAS, Guilherme. Enrique Dussel: contribuições para a crítica ética e radical nos Estudos Organizacionais. **Cadernos Ebape.Br**, v. 13, n. 2, 2015.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.